

## Elementos para a análise da constituição do discurso feminista brasileiro na década de 1970

Mariana Jafet Cestari, Unicamp  
[marianajcestari@gmail.com](mailto:marianajcestari@gmail.com)

### 1. Imprensa feminista, um lugar de enunciação público e político das mulheres

O presente trabalho dedica-se à análise dos editoriais dos jornais *Brasil Mulher* (1975-1980) e *Nós Mulheres* (1976-1978)<sup>1</sup>, parte da imprensa feminista alternativa. Por meio do dispositivo teórico-analítico da Análise do Discurso materialista, nosso objetivo é descrever as regularidades do discurso feminista em circulação nestes jornais.

Partindo da afirmação de Cardoso (2004)<sup>2</sup> de que os jornais feministas refletiam o projeto do movimento feminista, em uma relação intrínseca entre os editoriais destes jornais e as idéias centrais do movimento, e da afirmação de Araújo (2000)<sup>3</sup> de que estes jornais cumpriam o papel de divulgadores, formadores e organizadores do feminismo no Brasil, assumimos a tese de que a construção do discurso feminista nestes jornais é fundamental na constituição do discurso feminista brasileiro deste momento histórico. Esta tese motivou a escolha dos enunciados dos editoriais da imprensa feminista para a constituição do *corpus* desta pesquisa. No entanto, julgamos fundamental assinalar que o movimento e o discurso feminista eram (e são) heterogêneos. Esta afirmação vale também para os dois periódicos em estudo.

Pedro (2006)<sup>4</sup>, ao refletir sobre as diferentes interpretações do ressurgimento do feminismo brasileiro na década de 1970, decorrentes dos conflitos entre os grupos atuantes no movimento, aponta que o *Nós Mulheres* foi considerado mais ligado ao feminismo, enquanto o *Brasil Mulher* estaria mais preso às lutas denominadas gerais. A autora afirma: “Evidentemente, essa disputa discursiva promoveu respostas de parte a parte. O jornal *Brasil Mulher* incorporou, progressivamente, temáticas específicas do feminismo, e, desse modo, o *Nós Mulheres*, em vários momentos, reforçou seu comprometimento com a luta pela democracia”. (p.268)

Ao comparar o *Nós Mulheres* e o *Brasil Mulher*, Moraes (1996)<sup>5</sup> aponta que o diferencial do *Nós Mulheres* residia em sua explícita definição feminista. No entanto, a maior parte de seus artigos

<sup>1</sup> Os jornais *Nós Mulheres* (referido nas análises pela sigla *NM*) e *Brasil Mulher* (referido por *BM*) foram pesquisados em todas as suas edições no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/UNICAMP).

<sup>2</sup> CARDOSO, Elisabeth da P. **Imprensa feminista brasileira pós-1974**. São Paulo: Dissertação de mestrado defendida na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2004.

<sup>3</sup> ARAUJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

<sup>4</sup> PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.26, n°52, 2006. pp.249-272

<sup>5</sup> MORAES, M. L.Q. **Marxismo e feminismo no Brasil**. Campinas, Ed. do IFCH-UNICAMP, 1996.

“versava sobre política e condições de vida - reflexões sobre relações afetivas e sexualidade não eram habituais”. (p.7) Segundo a autora, nesta perspectiva, não se distinguia do *Brasil Mulher* e de outros órgãos da imprensa alternativa dirigidos ao público feminino.

Nas análises apresentadas a seguir, exploramos alguns processos discursivos em funcionamento no *corpus* pesquisado: o funcionamento denúncia, que configura um lugar de enunciação de forma a permitir processos de subjetivação do *nós mulheres* para mulheres identificadas com a posição feminista; o funcionamento da negação neste discurso como revelador dos seus confrontos com outros discursos e as imagens de *homens* no funcionamento do discurso programático feminista.

## 2. Denúncia da opressão das mulheres e anúncio do feminismo

Para uma reflexão acerca da denúncia, parte-se das considerações feitas por Payer (2006)<sup>6</sup>, em ocasião de seu estudo sobre a escrita acadêmica. A denúncia deve ser compreendida, no interior de práticas de linguagem, pelo gesto de denunciar, o sujeito que denuncia sua relação com a verdade e com o outro, o leitor. A denúncia constitui na e pela linguagem um *sujeito determinado e firme* que enuncia com base em *efeitos de certeza* uma *verdade* a ser sustentada a todo custo. Sobre este tema, a autora afirma que:

quanto mais se apresentam formas determinativas no dizer; quanto mais se prendem os sentidos na constituição de um sujeito determinado, menos fissuras se encontram no dizer; mais se produz o efeito de delimitação e fechamento, de saturação dos sentidos e, portanto, de adesão do sujeito enunciador àquilo que ele tem (enuncia) como verdade. (p.60)

A rejeição de que o conteúdo da denúncia ocupe o lugar de verdade leva ao aparecimento de outras enunciações onde se encontra a verdade (d)enunciada. “(...) na enunciação que denuncia produz-se uma espécie de *intervalo* entre aquilo que *se afirma como verdade no enunciado*, e aquilo que *se reafirma discursivamente na prática da linguagem*, como um horizonte possível no real do discurso”. (PAYER, 2006, p.66, grifos da autora). Aciona-se, deste modo, a imagem do sujeito interlocutor como em posição de tomar providências diante da verdade (d)enunciada. A este interlocutor caberia intervir para tornar outra enunciação possível no lugar da afirmação presente.

Nos editoriais do primeiro número do jornal *Nós Mulheres* e do jornal *Brasil Mulher*, lêem-se os seguintes enunciados:

- (i) Nós Mulheres somos oprimidas porque somos mulheres. (NM, n.1, 1976)

---

<sup>6</sup> PAYER, M. Onice. Escrever, (d)enunciar a verdade, sugerir sentidos. In: MARIANI, Bethania (org.) **A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise**. São Carlos: Editora Claraluz, 2006. pp.59-70

(ii) Queremos falar dos problemas que são comuns a todas as mulheres do mundo. (*BM*, n.0, 1975)

Se em (i) a verdade enunciada é a opressão das mulheres pelo fato de serem o que são, o horizonte possível no real do discurso, e que não é enunciado, é o fim da opressão das mulheres. Em (ii), a verdade dos problemas comuns a todas as mulheres do mundo tem como horizonte possível a resolução de tais problemas. A construção do interlocutor discursivo (a projeção imaginária do interlocutor) é da mulher que compartilha da situação de opressão.

Sobre a relação entre o real e o imaginário nas revoluções, Pêcheux (1982)<sup>7</sup> afirma que o discurso revolucionário socialista

consiste em denunciar a sociedade, tornando visível o seu “irrealizado”; ele se encarrega de reunir, de convencer, organizar e politizar o proletariado, tornando-o visível *para si mesmo*, de sorte que, novo sujeito da História, este se lance à “luta final”: o mundo vai mudar de base (p.12)

De forma paralela, compreendemos que, a partir do dispositivo de identificação da denúncia, o discurso feminista analisado se encarrega de reunir, convencer, organizar e politizar as mulheres, tornando-as visíveis para si mesmas. O *nós exclusivo* (feministas editoras dos jornais) através da denúncia convida outras mulheres à constituição de um coletivo de luta. A ação política coletiva do *nós mulheres* identificadas com o feminismo pode, então, transformar o irrealizado ou não-realizável social e político.

O *nós* enunciator, portanto, não se exclui da ação política que pode levar à realização do não realizado em lugar da verdade da opressão e dos problemas comuns a todas as mulheres. Não só o interlocutor imaginário está em posição de tomar providência diante da verdade (d)enunciada, quanto o próprio sujeito que denuncia. Trata-se da constituição do *nós inclusivo* (feministas editoras dos jornais e mulheres identificadas com o feminismo), que torna-se potente na medida em que seu interlocutor identifica-se ativamente com o *nós*.

### 3. Negação: a presença do discurso do outro

Em seu trabalho sobre o discurso presidencial da República Militar Brasileira (1964-1984), Indursky (1997)<sup>8</sup> aponta o papel revelador do funcionamento da negação no *corpus* que analisa. A autora demonstra que a negação evidencia a presença do *discurso-outro*, em outras palavras, “a

<sup>7</sup> PÊCHEUX, Michel (1982). Delimitações, inversões e deslocamentos. Trad. José Horta Nunes. In: **Caderno de Estudos Linguísticos 19 – O discurso e suas análises**. Org. Eni Pulcinelli Orlandi e João Wanderley Geraldi. Campinas, 1990. pp7-24

<sup>8</sup>INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos, podendo indicar a existência de posições diversas no interior do discurso em análise”. (p.213)

Pudemos analisar o funcionamento de dois tipos de negação no discurso feminista em circulação nos editoriais de *Nós Mulheres* e *Brasil Mulher*. A primeira delas, menos presente em nosso *corpus*, foi a *negação externa*, designação de Indursky (1997: 215-217) para a negação que incide sobre uma *formação discursiva* adversa, estabelecendo fronteiras entre discursos ideologicamente antagônicos. A negação externa “transforma o discurso do outro em seu contrário e como tal o incorpora” (p.217), sendo que a marca da negação é explícita e o discurso do outro é implícito. Compreendemos, em acordo com Pêcheux e Fuchs (1975: 167)<sup>9</sup>, que as *formações discursivas* determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura.

No funcionamento do discurso feminista, identificamos a relação de negação externa com o discurso do governo militar. Por conta das condições de produção de censura dos dizeres em circulação na sociedade, o governo militar por vezes não é nomeado enquanto adversário político. No entanto, na negação de enunciados que poderiam ser provenientes da formação discursiva que determina o discurso do governo militar, encontramos indícios deste adversário não-nomeado.

- (iii) Por estas razões somos contra a política de controle de natalidade implantada de cima para baixo sob o nome de prevenção à gravidez de alto risco. Não é desta forma que serão resolvidos os principais problemas da mulher trabalhadora no Brasil. (BM, n.8, 1977)
- (iv) É sabido que as empresas sempre utilizaram a mão-de-obra feminina apesar da proibição. Esta lei, na verdade, não resolverá a discriminação da mulher no mercado de trabalho; mas servirá apenas para reforçar mecanismos de acumulação. (BM, n.9, 1977)

Em (iii) e (iv) negam-se as justificativas para a implementação das políticas propostas pelo governo militar. O discurso do outro não é explicitado. Metodologicamente, podemos transformar a negação em afirmação, chegando a enunciados “similares” aos que circulavam no discurso do governo militar: (iii)’o programa de prevenção à gravidez de alto risco é uma forma de resolver os principais problemas das mulheres; (iv)’a lei de liberação do trabalho noturno resolverá a discriminação das mulheres no mercado de trabalho.<sup>10</sup>

Em alguns momentos, em especial com a aproximação da aprovação da “Lei da Anistia”, a ditadura militar foi abertamente referenciada.

- (v) A SBM defende que a luta feminista no Brasil, hoje, esta necessariamente incorporada à luta de todos os setores populares pelo fim da ditadura militar. (BM, n.15, 1979)

---

<sup>9</sup> PÊCHEUX & FUCHS (1975). A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: Gadet e Hak (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 3ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1997. p.163-252

<sup>10</sup> Nestes dois recortes, também é possível observar a particularização do sujeito principal do movimento feminista no discurso em análise: trata-se de uma mulher em específico, a trabalhadora. Este é um dos fatores que permite a identificação deste discurso feminista com um discurso de esquerda.

A eleição da ditadura militar como adversário político foi uma das marcas do feminismo brasileiro. Segundo Sarti (2004: p.36)<sup>11</sup>, “uma parte expressiva dos grupos feministas estava articulada a organizações de influência marxista, clandestinas à época, e fortemente comprometida com a oposição à ditadura militar, o que imprimiu ao movimento características próprias”.

#### 4. Conflitos entre o discurso feminista e a memória discursiva de esquerda

O funcionamento da negação mais presente no *corpus* em análise, no entanto, estabelece uma relação de tensão entre o discurso feminista em constituição e o discurso de esquerda. Trata-se de um processo de delimitação da concepção de feminismo adotada pelo movimento, em que o discurso feminista ao mesmo tempo em que confronta certos elementos do discurso de esquerda, inscreve seu posicionamento neste campo a partir do distanciamento da imagem que tem de certas vertentes do feminismo internacional.

De forma diversa da negação externa, o discurso de esquerda não constitui uma formação discursiva antagônica à formação discursiva do discurso feminista; funciona como *memória discursiva*, “aquilo que fala antes, em outro lugar”, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra” (ORLANDI, 2002, p.31)<sup>12</sup>.

Nesta perspectiva, afirmamos, a partir da noção de *formação ideológica* de Pêcheux e Fuchs (1975) como “um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras” (p.166) e das considerações dos autores de que estas formações ideológicas “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas” (p.167), que o discurso feminista em análise faz parte da formação ideológica de esquerda sem esgotá-la e estabelece uma relação de diálogo e confronto com elementos de saber de outras formações discursivas que compõem esta mesma formação ideológica.

O operador de negação *não* em (vi) funciona como uma pista do discurso-outro não explicitado. Vejamos o recorte a seguir:

- (vi) Uma coisa parece clara e a história é quem se encarrega de nos mostrar: a transformação das estruturas econômicas e sociais não é suficiente para a libertação de homens e mulheres. Se ela é, sem dúvida, a condição necessária de qualquer revolução, ela, por si só, não garante a transformação de todos os níveis da existência humana. (NM, n.8, 1978)

<sup>11</sup>SARTI, Cyntia. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Revista de Estudos Feministas**, maio-agosto, ano/vol.12, numero2. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. pp.35-50

<sup>12</sup>ORLANDI, Eni Puccineli. (2002) **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

Para efeitos de análise, conforme os procedimentos da Análise do Discurso, explicitamos o enunciado que fica pressuposto na formulação do recorte, a partir do funcionamento do operador de negação e do funcionamento do interdiscurso como efeito de sustentação:

- (vi) A transformação das estruturas econômicas e sociais é suficiente para a libertação de homens e mulheres e garante a transformação de todos os níveis da existência humana.

Este enunciado, confrontado pelo discurso feminista, faz parte da memória discursiva da esquerda, que compreendia que a libertação da mulher seria posterior e até mesmo conseqüência automática de transformações econômicas da sociedade, conquistadas por lutas da classe trabalhadora. Ainda em (vi), o adjetivo *suficiente* funciona como indício de que o discurso negado é determinado por uma formação discursiva distinta, porém não antagônica. Elaboramos um segundo enunciado que explicita a negação de elementos de saber da mesma formação ideológica:

- (vi) A transformação das estruturas econômicas e sociais é condição necessária, mas não é suficiente para a libertação de homens e mulheres.

## 5. As imagens de *homens* no discurso feminista

As imagens de *homens* no discurso feminista aparecem com regularidade de duas formas: como *outro*, relacionado à *mulher/mulheres* por meio de comparações, ou como “parceiro”, que junto com a *mulher/mulheres* deve “lutar” para “eliminar qualquer tipo de opressão”. A primeira imagem de *homens* está mais presente no discurso feminista no funcionamento da denúncia. A segunda imagem de *homens*, por sua vez, corresponde ao *nós programático* do discurso feminista e será apresentada neste trabalho.

Para a análise das imagens, retomamos o conceito de *formação imaginária* de Pêcheux (1969)<sup>13</sup>. As formações imaginárias são projeções dos “lugares determinados na estrutura de uma formação social” colocadas em jogo nos processos discursivos. “(...) o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B atribuem a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1969, p.82, grifos do autor).

No programa expresso e construído pelo discurso feminista em questão, o sujeito histórico que transforma a situação de opressão das mulheres é constituído por homens e mulheres, preferencialmente da classe trabalhadora. Esta identificação entre *homens* e *mulheres*, que poderia parecer contraditória ao processo de subjetivação das *mulheres* identificadas com o feminismo, justifica-se pela articulação do feminismo da década de 1970 no Brasil com as forças de esquerda e às políticas de aliança do feminismo na luta pelo fim da ditadura militar. Além disso, a construção

---

<sup>13</sup> PECHÊUX, M (1969) Por uma análise automática do discurso. In: Gadet e Hak (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, Ed. Unicamp, 1997. pp.61-162

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

discursiva deste sujeito histórico não significava negar o papel da auto-organização das mulheres. Deste modo, o sujeito *nós mulheres* identificadas com o feminismo se constituiria também a partir da identificação com a luta de classes e por democracia.

- (vii) É evidente, entretanto, que homens e mulheres estão unidos por sua origem social, isto é, pertencer às camadas trabalhadoras é bem diferente de ter nascido no meio da riqueza. Se homens e mulheres das camadas trabalhadoras, juntos, lutassem por melhores salários, por creches e por escolas para as crianças, por refeições nos locais de estudo e trabalho, etc. as condições de vida seriam muito melhores, as despesas
- (viii) Poderiam ser repartidas, o trabalho doméstico seria realizado mais rapidamente e todos teriam mais tempo para estarem juntos, para brincarem com as crianças, para ler, ver televisão e ir ao cinema, pois o lazer é um direito de quem trabalha. (NM, n.4, 1977)
- (ix) Cabe, pois, às mulheres assumir maior participação na vida econômica, política e social, procurando desenvolver cada vez mais a crítica permanente e geral na solução coletiva dos problemas de nossa sociedade, tendo em vista a eliminação de qualquer tipo de opressão. Essa é, portanto, uma tarefa que pertence a Homens e Mulheres. A mulher nunca conseguirá libertar-se se não houver a libertação de todos os trabalhadores. O desenvolvimento da consciência e da participação da mulher multiplica as possibilidades de transformação da situação atual. (Comunicado conjunto BM e NM, 1977)

Em (viii), a negação funciona em relação à imagem que o discurso feminista brasileiro tinha do discurso feminista dos Estados Unidos e da Europa, como veremos a seguir. A atuação conjunta dos “homens e mulheres das camadas trabalhadoras” em (vii) está contraposta à atuação das mulheres, *de forma separada dos homens e contra os homens*, na memória discursiva de certas vertentes do feminismo internacional. O funcionamento da negação nestes casos pode ainda indicar os debates internos ao próprio movimento feminista.

### 6. Discurso feminista brasileiro e imagens do feminismo internacional

É recorrente nos editoriais dos jornais feministas o debate acerca do que deva ser o programa feminista brasileiro e as polêmicas em torno do feminismo. A imagem de *feminismo* no discurso feminista se constrói em diálogo e confronto com os sentidos sobre feminismo em circulação na sociedade. O discurso feminista brasileiro afirmava-se muitas vezes a partir da diferenciação que estabelecia com a imagem que fazia do feminismo na Europa e nos EUA. No discurso feminista brasileiro, certas vertentes do feminismo internacional elegeriam os homens como adversários políticos, como pode ser lido no recorte abaixo.

- (x) Existem movimentos feministas na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo, que acham que a mulher deve se organizar para lutar contra o homem. Os que falam que o feminismo não é uma luta para países subdesenvolvidos, estão provavelmente pensando nesse tipo de feminismo. Mas no pensarem, não percebem que esse tipo de feminismo não só não serve aos países subdesenvolvidos como não serve a nenhum tipo de país, pois coloca a luta da mulher de uma forma incorreta. (NM, n.6, 1977)

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

Interessante neste recorte é analisar a indeterminação do sujeito que questiona o feminismo: “*os que falam*”. Mais uma vez está posta, centralmente, a tensão (e busca de convencimento) do discurso feminista com o discurso da esquerda enquanto memória discursiva.

### 7. Mais que um começo

Vencidas as dificuldades iniciais, é como escreveu uma companheira: “Hoje já é possível pensar em mim sem esquecer de você ou de todas nós, pensar em todas nós sem me sentir dividida na luta política mais ampla, e pensar em política sem que para tal tenha que me esquecer de mim ou de nós. E isso já é muito mais que um começo”. (NM, n.5, 1977)

Para finalizar, trazemos um recorte que apresenta uma espécie de balanço deste novo sujeito mulheres identificadas com o feminismo. Torna-se possível “pensar” e *dizer* em “todas nós”. Em outras palavras, os jornais feministas fizeram parte de um processo de construção de um lugar de enunciação público e político das mulheres.

Como historicamente a mulher foi identificada com o espaço privado e este espaço foi subordinado ao espaço público, ocupado majoritariamente por homens, a construção de um lugar de enunciação público interveio na relação de forças entre sentidos em nossa sociedade. Este lugar de enunciação tornou politizado e dizível publicamente o não-dizível até aquele momento.